

não apenas controlar, mas de mandar e desmandar. O Governo, continuando o pensamento de Aureliano Chaves, adora ser a "vaca leiteira" que sabe, quando quer, quando lhe convém, esconder o leite para não perder a pose.

### **"Quem manda sou eu e mais ninguém"**

Repassemos um pouco os principais fatos dessa luta pela autonomia da Biblioteca Nacional. Vejamos como alguns governos chegavam ao extremo de serem ridículos no exercício da prepotência. E como uma crise maior, já em nossos dias (1990), forçou o governo a dar o primeiro passo no sentido da liberação dessa instituição. Para bem entender o processo, é preciso que se tenha em mente o que é a Biblioteca Nacional, um organismo com estreitas ligações internacionais, que, pelo seu tamanho, pela sua complexidade, pela necessidade que lhe é inata de acompanhar todas as mais modernas e sempre mutantes técnicas de administração, de classificação, de conservação e de recuperação, não pode ficar à mercê de leis, de decretos e de "avisos", sempre lentos e incompletos, de ordens e contra-ordens nem sempre dotadas de um grau suficiente de mobilidade. Alertamos, ainda, que todos os fatos que citaremos a seguir foram descritos nas páginas anteriores e estão fartamente documentados nos *Anais*, no *Diário Oficial da União* e em papéis depositados na própria Biblioteca. Apenas os colocamos sob um novo enfoque.

Quando pensamos que para a simples mudança do seu acervo de um andar para outro, nos fundos do Beco do Carmo, em 1810, foi necessário um decreto real<sup>1</sup>; quando sabemos que foi preciso um novo decreto real para que a Biblioteca se abrisse ao público, em 1811; quando vemos o diretor frei Camillo de Monserrat sofrer a humilhação de uma reprimenda, por escrito, do Marquês de Olinda, em abril de 1863, por ter mandado encadernar alguns livros sem pedir a autorização expressa dessa autoridade – compreendemos a explosão do grande diretor Manuel Cícero que, em 1912, escrevia, referindo-se à Biblioteca Nacional: "Biblioteca e serviço oficial são coisas difíceis de conciliar." Em 1945, Borba de Moraes, então diretor, dizia: